

**O PESO DO NOME:  
linguagem, ameaça e negociação de sentido no conto “Famigerado”, de  
João Guimarães Rosa**

**THE WEIGHT OF THE NAME:  
language, threat and negotiation of meaning in the short story  
"Infamous", by João Guimarães Rosa**

João Leonardo Cordeiro Júnior<sup>1</sup>

Arabie Bezri Hermont<sup>2</sup>

Márcia Marques de Moraes<sup>3</sup>

**RESUMO**

O presente artigo analisa como o conto "Famigerado", de João Guimarães Rosa, constrói um microdrama, no qual a linguagem torna-se o principal espaço de tensão simbólica. Parte-se da suposição de que, na narrativa, o conflito não é estruturado principalmente pela ação física, mas pela instabilidade do sentido e pelas diferenças de conhecimento entre os personagens. O estudo investiga a centralidade do adjetivo "famigerado", analisando como sua presença provoca um estado de vigilância, temor e planejamento estratégico. Inicialmente, analisa-se a contraposição entre o jagunço não escolarizado e o narrador instruído, destacando que a autoridade de ambos fundamenta-se em tipos diferentes de poder: a força física e o domínio da palavra. Em seguida, aborda-se a dimensão fonético-fonológica do termo, evidenciando que as tentativas de pronúncia feitas pelo jagunço demonstram um descompasso entre a escuta e a compreensão, o que acentua a tensão narrativa antes mesmo da definição semântica. Defende-se que a materialidade sonora da palavra funciona como elemento perturbador, capaz de impactar o indivíduo antes que o signo seja conceitualmente estabilizado. Por último, avalia-se a resposta do narrador como negociação pragmática sob pressão, em que o sentido é recontextualizado de forma estratégica para evitar a violência latente. Conclui-se que o conto dramatiza a linguagem como uma prática performativa situada, mostrando que, no universo rosiano, a palavra não só representa o mundo social, mas também intervém nele, alterando hierarquias, gerando efeitos de poder e construindo, ainda que de forma instável, uma trégua no meio do conflito. Essa visão destaca, portanto, que entender o conto requer reconhecer a linguagem como um elemento ativo na estruturação das relações sociais e dos conflitos simbólicos apresentados pelo narrador rosiano ficcional.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa; Famigerado; Nome; Linguagem; Ameaça.

**ABSTRACT**

This article analyzes how João Guimarães Rosa's short story "Infamous" constructs a microdrama in which language becomes the primary space of symbolic tension. It starts from the assumption that, in the narrative, the conflict isn't structured primarily by physical action,

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Letras da Puc Minas. E-mail: [joaojuniorimg2025@gmail.com](mailto:joaojuniorimg2025@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela UFRJ e Professora Adjunto IV da PUC Minas. E-mail: [arabie@uol.com.br](mailto:arabie@uol.com.br)

<sup>3</sup> Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela USP e Professora Adjunto III da PUC Minas. E-mail: [mmorais@pucminas.br](mailto:mmorais@pucminas.br)

but by the instability of meaning and the differences in knowledge between the characters. The study investigates the centrality of the adjective "infamous", analyzing how its presence provokes a state of vigilance, fear, and strategic planning. Initially, it analyzes the contrast between the uneducated gunman and the educated narrator, highlighting that the authority of both is based on different types of power: physical strength and mastery of language. Then, it addresses the phonetic-phonological dimension of the term, showing that the gunman's pronunciation attempts demonstrate a mismatch between listening and comprehension, which accentuates the narrative tension even before semantic definition. It's argued that the sonic materiality of the word functions as a disruptive element, capable of impacting the individual before the sign is conceptually stabilized. Finally, the narrator's response is evaluated as a pragmatic negotiation under pressure, in which meaning is strategically recontextualized to avoid latent violence. It's concluded that the story dramatizes language as a situated performative practice, showing that, in Rosa's universe, the word not only represents the social world but also intervenes in it, altering hierarchies, generating power effects, and constructing, albeit unstable, a truce amidst conflict. This view, therefore, highlights that understanding the story requires recognizing language as an active element in structuring social relations and the symbolic conflicts presented by Rosa's fictional narrator.

**Keywords:** Guimarães Rosa; Infamous; Name; Language; Threat.

## INTRODUÇÃO

Qual é a importância de um nome quando surge em um contexto social marcado por desigualdades de conhecimento e poder? No conto "Famigerado", de João Guimarães Rosa, a questão não é apenas retórica: ela estrutura a própria dinâmica da história. Publicado na obra *Primeiras Estórias*, o texto sintetiza, em escala reduzida, as tensões históricas mais abrangentes do Brasil do século XX, particularmente aquelas que confrontam o universo letrado com as formas tradicionais de autoridade sertaneja.

Ao mover o foco da ação física ao âmbito da linguagem, Rosa constrói uma situação em que a palavra deixa de ser um meio neutro de comunicação e começa a atuar como uma área de perigo, desconfiança e possível violência. É nesse contexto instável que se inscreve a questão central deste estudo: entender como o adjetivo "famigerado" ganha a densidade simbólica necessária para reestruturar as relações entre os personagens.

Como a tensão é ampliada pela estrutura narrativa e como evento aparentemente simples é transformado em um microdrama de grande densidade simbólica? A economia de personagens, a narrativa em primeira pessoa e o desenvolvimento pautado por hesitações e silêncios instauram um campo de vigilância constante, que desloca o foco do leitor à esfera da interação discursiva. A cena é elaborada para que cada ato e palavra sejam entendidos sob a perspectiva do perigo. Dessa forma, o conto não necessita de grandes reviravoltas externas;

sua eficácia está na gestão da expectativa e na maneira como o narrador vê e lê a presença perturbadora do jagunço Damázio dos Siqueiras.

Até que ponto a figura de Damázio incorpora, em seu corpo e em seu nome, uma ambivalência que vai além da mera classificação regional? O jagunço rosiano, em vez de ser uma figura pitoresca, representa uma tensão fundamental entre a fama violenta e a vulnerabilidade simbólica, em relação ao conhecimento letrado. Revela-se que o conto transforma o nome próprio em um autêntico “feixe de significações”, em que a sonoridade, a memória social e a previsão de violência se entrelaçam. Assim, a presença de Damázio representa uma ameaça física ao narrador e abala o campo simbólico da cena, mostrando que a autoridade pode vacilar ao ser confrontada com diferentes sistemas de legitimação.

De que maneira a materialidade sonora da palavra antecipa o conflito antes de qualquer definição semântica? Defende-se que a dificuldade de Damázio em enunciar "famigerado" revela um aspecto primordial da poética rosiana: a linguagem alcança o corpo antes de consolidar-se como conceito. As alterações fonéticas do termo revelam um hiato entre escuta e compreensão, o que intensifica a tensão narrativa e destaca a importância da fonética e da fonologia na criação do suspense. Nesse aspecto, o conto ilustra que o perigo não se origina apenas do significado da palavra, mas também de sua sonoridade, circulação e impacto no interlocutor em um contexto específico de interação.

Por último, como a definição dada pelo médico estabelece uma autêntica negociação de sentido sob pressão? O artigo analisa o instante em que a palavra "famigerado" é intencionalmente recontextualizada para gerar um efeito de apaziguamento imediato. A análise revelará que o sentido, ao contrário de ser estável ou puramente dicionarizado, surge como uma construção pragmática situada, dependente da interação entre os indivíduos e das circunstâncias de enunciação. Nesse gesto, a linguagem demonstra sua natureza performativa e ética, atuando como uma ferramenta capaz de interromper — mesmo que temporariamente — a violência subjacente.

Em face dessas questões, o objetivo do presente artigo é analisar criticamente de que maneira o conto "Famigerado" representa a linguagem como um campo de conflito simbólico, analisando a importância do nome, a construção ambivalente do jagunço Damázio dos Siqueiras, a primazia da materialidade sonora, em relação ao sentido, e a negociação semântica, que fundamenta a trégua narrativa. Parte-se também da hipótese de que, na escrita rosiana, a palavra não só retrata o mundo sertanejo, mas também atua nele, reestruturando hierarquias de poder e demonstrando que, entre o saber e a força, é a linguagem que estipula — ainda que de forma instável — os limites da violência.

## **FAMIGERADO: LINGUAGEM, PODER E TENSÃO NO SERTÃO ROSIANO**

O conto "Famigerado" está situado em um período histórico importante do Brasil, caracterizado pela coexistência de forças modernizadoras e a continuidade de estruturas sociais antiquadas no interior do país. Publicado em 1962, após o período desenvolvimentista ligado ao governo de Juscelino Kubitschek e no contexto simbólico da construção de Brasília, o conto demonstra um diálogo, mesmo que indireto, com a acentuada divisão entre o Brasil urbano-industrial do litoral e os sertões com baixa escolarização, que historicamente estiveram sujeitos a formas personalistas de poder. Nesse contexto, a narrativa rosiana sintetiza, numa escala menor, as tensões sociais abrangentes, transformando um episódio aparentemente banal em um campo de observação privilegiado das relações entre linguagem, autoridade e desigualdade cultural.

A estrutura do conto baseia-se em um conjunto de personagens intencionalmente limitado, o que ajuda a intensificar a dramaticidade do episódio. Em cena, sobressaem-se o narrador-personagem — uma figura letrada, insinuada como médico —, o jagunço Damázio dos Siqueiras e três homens que o seguem como testemunhas silenciosas. Além disso, há referências laterais a um padre e a um "moço do governo", personagem ausente cuja ação provoca o desenvolvimento da trama. A história começa quando a paz de um arraial é abalada pela chegada surpresa de Damázio, conhecido por sua fama de violência. Desde essa primeira ação, determina-se um ambiente de vigilância e precaução, no qual cada gesto e cada palavra começam a ser analisados sob a perspectiva do risco.

No desenvolvimento da trama, segue-se a busca do jagunço pelo sentido da palavra "famigerado", designação que lhe foi conferida pelo rapaz do governo. Damázio, incapaz de discernir se é um elogio ou uma ofensa, percorre longas distâncias em busca de alguém instruído que possa esclarecer sua dúvida. Esse movimento, aparentemente impulsionado por uma mera curiosidade lexical, demonstra-se altamente relevante, uma vez que evidencia a importância da escolarização como tema central da narrativa. Por um lado, temos o sertanejo, cuja autoridade provém da fama bélica e da capacidade de intimidação; por outro, há o médico, cuja potência está no domínio da linguagem formal. O conflito que se implanta entre essas duas grandes figuras vai além do individual e passa a representar um confronto simbólico entre distintas formas de poder.

A escolha pelo narrador em primeira pessoa aprofunda a complexidade psicológica do texto, possibilitando ao leitor ver de perto o estado de vigilância, os raciocínios e as percepções do homem culto, frente à presença perturbadora do jagunço. Esse enfoque interno

aproxima o leitor da cena, mas também destaca preconceitos, medos e estratégias de autopreservação, que permeiam a consciência do narrador.

Paralelamente, o conto explora com precisão o contraste entre os registros de linguagem: a fala mais formal e analítica do narrador se opõe à oralidade marcada de Damázio, cuja dificuldade em lidar com o vocabulário letrado evidencia a distância sociocultural que separa os dois mundos. Nesse cenário, a palavra deixa de ser um instrumento neutro de comunicação e torna-se um campo de batalha simbólico.

Guimarães Rosa mantém a intensidade do conto sem recorrer a ações espetaculares ou intrigas de grande complexidade externa, utilizando a tensão discursiva e a expectativa que se acumulam no diálogo entre o médico e o jagunço. A história avança por meio de hesitações, perguntas repetidas, silêncios calculados e ações de observação recíproca, constituindo um microdrama em que entender — ou não — uma palavra pode levar a consequências desmedidas. Assim, “Famigerado” exemplifica a poética rosiana ao mostrar que, no sertão construído pelo autor, a linguagem não só denomina o mundo, mas também desempenha um papel ativo nas relações de poder que o organizam.

## **DAMÁZIO DOS SIQUEIRAS: CORPO, FAMA E A POTÊNCIA DA VIOLÊNCIA**

Ao analisar a obra rosiana, Bosi (2015) destaca que a particularidade de sua escrita reside na investigação aprofundada das possibilidades da linguagem, entendida não como um meio neutro de representação, mas como um espaço de condensação simbólica. Conforme afirma o crítico:

Para Guimarães Rosa, [...], a palavra é sempre um feixe de significações: *mas ela o é em um grau eminente de intensidade* se comparada aos códigos convencionais de prosa. Além de referente semântico, o signo estético é portador de sons e de formas que desvendam, fenomenicamente, as relações íntimas entre o significante e o significado. (Bosi, 2015, p. 342)

Essa formulação é fundamental para entender a construção de Damázio dos Siqueiras, cuja identidade não é apresentada como essência estável, mas como campo dinâmico de tensões simbólicas, sonoras e sociais que surgem no decorrer da narrativa. Seu nome próprio não funciona apenas como um identificador referencial de um indivíduo no universo ficcional; ele transforma-se em um signo estético tensionado, no qual som, sentido e imaginário social se entrelaçam de forma produtiva. A sonoridade de "Damázio" remete a palavras comuns no sertão, como adamado e amásio, que propõem fragilidade moral,

ambiguidade de caráter ou até mesmo uma ilegitimidade simbólica.

No entanto, essas ressonâncias não apagam sua reputação como jagunço temido; ao contrário, elas constroem uma ambivalência inerente entre potência e fragilidade simbólica, força e possível desqualificação. Dessa forma, o nome do “famigerado” atua como um verdadeiro “feixe de significações”, em que sentidos distintos não se excluem, não se estabilizam, mas também coexistem em um estado de tensão constante, antecipando a forma como a figura do personagem será entendida no enredo do conto.

Essa ambiguidade aproxima o jagunço rosiano do que Dalcastagnè (2012) chama de super-regionalismo, dialogando com Candido (1987)<sup>4</sup>. Como resume a crítica:

[...] Guimarães Rosa – com seus refinamentos literários e suas técnicas antinaturalistas, mas ainda aproveitando a substância do regionalismo – faria parte da última fase deste processo, que Candido chama de *super-regionalismo*. Colocando de lado o sentimentalismo e a retórica, esse terceiro momento corresponderia “à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e opera uma explosão do tipo de naturalismo, que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo” (id., p. 159-162). (Dalcastagnè, 2012, p. 29)

Com base nessa interpretação, Damázio não é reduzido a uma figura exótica, pitoresca ou tipificada do sertão rosiano; em vez disso, ele é apresentado como um sujeito influenciado por forças históricas, discursivas e simbólicas complexas, que desafiam qualquer análise simplista. A violência que o envolve não é apresentada como uma característica fundamental ou naturalizada do jagunço, mas como resultado de uma estrutura social, caracterizada por hierarquias instáveis, nas quais o prestígio, a linguagem e o poder se entrelaçam de forma bem tensa e, muitas vezes, imprevisível.

O nome próprio, em vez de garantir uma identidade completa ou uma clareza referencial, expõe uma lacuna intrínseca entre a notoriedade que circula socialmente e a capacidade do indivíduo de controlar os significados que lhe são conferidos pelos demais. É nessa fissura — entre o prestígio consolidado e a dúvida interpretativa — que se inscreve a angústia que impulsiona o jagunço Damázio, especialmente quando se depara com o campo do saber erudito, onde sua autoridade simbólica se revela potencialmente frágil.

Quando o nome oscila e não consegue assegurar a estabilidade total da autoridade, o corpo surge como uma instância de compensação e ancoragem concreta do poder. Guimarães Rosa descreve a corporeidade de Damázio com uma precisão notável, construindo uma presença que intimida não pelo excesso, mas pela contenção dos gestos, pela economia expressiva e pela expectativa de ação que a sua figura gera no ambiente:

---

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

**Carregara a celha. Causava outra inquietude, sua farrusca, a catadura de canibal. Desfranziu-se, porém, quase que sorriu.** Daí, desceu do cavalo; maneiro, imprevisto. (Rosa, [1962] 2001, p. 50, grifo nosso)

Absolutamente, nada nessa descrição indica descontrole impulsivo ou violência desordenada; pelo contrário, a ameaça surge como energia disciplinada, contida e pronta para atualizar-se a qualquer momento. O quase sorriso não diminui a tensão da cena; ele a intensifica, já que preserva a ambiguidade da figura e impede uma interpretação estável. O corpo de Damázio não impressiona pela gestualidade excessiva ou pela explosão de força aparente, mas pela expectativa silenciosa que gera no outro, instaurando um espaço de vigilância recíproca, no qual cada ação assume um peso potencialmente determinante.

As armas têm um papel fundamental durante essa economia cuidadosa da ameaça. Não é apenas uma questão de carregar armas como um símbolo externo de poder, mas de incorporá-las de forma funcional à postura corporal, de maneira que corpo e arma se unam em um único mecanismo de prontidão e eficácia, como lê-se a seguir:

**Seria de ver-se: estava em armas — e de armas alimpadas. Dava para se sentir o peso da de fogo, no cinturão, que usado baixo, para ela estar-se já ao nível justo, ademão, tanto que ele se persistia de braço direito pendido, pronto meneável.** (Rosa, [1962] 2001, p. 50, grifo nosso)

A arma estende o corpo, que se estrutura conforme sua funcionalidade imediata. Nesse contexto, a violência deixa de ser algo ocasional ou reativo e torna-se uma característica constante da postura do personagem. Damázio não ameaça principalmente por meio de ações explícitas ou declarações verbais; ele ameaça pela constante possibilidade de agir, pela prontidão silenciosa, que faz de sua presença um ponto de tensão constante. O efeito gerado é o de uma violência latente, constantemente presente, que altera o comportamento do outro, antes de qualquer ação concreta ser tomada.

Essa lógica de tensão intensifica-se no limiar da hospitalidade negada, momento em que o espaço da cena se torna um fator-chave na dramaturgia do medo:

**Tivesse aceitado de entrar e um café, calmava-me.** Assim, porém, **banda de fora, sem agrças de hóspede nem surdez de paredes,** tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza. (Rosa, [1962] 2001, p. 50, grifo nosso)

Desse modo, a barreira física, que separa o interior do exterior, transforma-se em uma linha simbólica de grande importância. A relação continua vulnerável à lógica direta da força e da incerteza na ausência dos rituais de acolhimento, que poderiam atenuar ou ritualizar o

conflito. A falta de mediações institucionais — como a casa, o café e a parede — dificulta a estabilização da interação e intensifica a ansiedade que permeia a situação. Assim, a ameaça não se resolve nem se dissipa; ela prolonga-se no tempo e no espaço, mantendo as pessoas sujeitas a um estado de expectativa ansiosa. É somente depois dessa preparação corporal, espacial e afetiva que o nome é enunciado de forma explícita:

— “Vosmecê é que não me conhece. **Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra...**”

Sobressalto. Damázio, quem dele não ouvira? **O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo.** Constando também, se verdade, que de para uns anos ele se serenara — evitava o de evitar. (Rosa, [1962] 2001, p. 50-51, grifo nosso)

O nome não inicia o perigo; ele o confirma e o intensifica de forma retrospectiva. A fama antecede o encontro e altera a interpretação do corpo, dos gestos e dos silêncios previamente exibidos, gerando um efeito de confirmação tardia que aumenta a intensidade da cena. O que antes era um pressentimento vago transforma-se em uma certeza socialmente aceita, evidenciando que a violência de Damázio permeia tanto a materialidade de sua presença quanto a memória discursiva que a precede.

Portanto, Damázio dos Siqueiras apresenta-se como uma figura rosiana, em que o corpo e o nome atuam de maneira complementar e tensa: o corpo oferece a materialidade imediata da ameaça e da presença coercitiva, já o nome expande a sua ressonância no imaginário social, solidificando-a na esfera da narrativa oral e da memória coletiva.

É exatamente nesse ponto de intersecção entre a presença física, a ambiguidade onomástica e a circulação discursiva, que se institui a força particular da violência no conto — não como uma explosão episódica, mas como um estado estrutural de tensão. Essa configuração, segundo Bosi (2015) e Dalcastagnè (2012), demonstra a sofisticação com que Rosa transforma a linguagem em meio vivo de conflito, apresentando o personagem como agente de violência e como um resultado complexo das forças simbólicas que o identificam, o caracterizam e o fazem transitar no universo ficcional.

## **FONÉTICA E FONOLOGIA: SOM COMO AMEAÇA ANTERIOR AO SENTIDO**

— “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: **fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... famílias-gerado...?**” (Rosa, [1962] 2001, p. 51, grifo nosso)

Os deslocamentos sonoros, executados por Damázio, ao tentar pronunciar a palavra que intitula o conto rosiano, exemplificam a distinção entre fonética e fonologia, mostrando que o conflito central da narrativa se fixa antes da definição do sentido lexical. Não é, a princípio, um problema semântico, mas é uma perturbação, que emerge no aspecto material da linguagem, ou seja, na experiência auditiva concreta do significante. A violência que permeia a cena não decorre do sentido da palavra, mas de sua presença sonora opaca, que aparece ao jagunço como corpo acústico estranho e, possivelmente, ameaçador. Aqui, a linguagem já não é mais um meio transparente de comunicação; ela vira um campo de fricção sensorial, onde o sujeito é afetado antes de entender, respondendo a uma materialidade sonora que precede qualquer pacificação conceitual.

No plano fonético — que se refere ao domínio da produção e percepção física dos sons da fala — o termo “famigerado” é percebido por Damázio como uma sequência sonora instável, heterogênea e de articulação complexa. Esse grau analítico diz respeito aos movimentos específicos do aparelho fonador e aos efeitos físicos do som, no corpo do falante e do ouvinte, conforme abordado por Cristófar-Silva (2003), no contexto da fonética articulatória do português brasileiro. Diante do exposto, a palavra é primeiramente ouvida antes de ser compreendida, e essa primazia da escuta é fundamental para a cena narrativa: o som atinge o corpo sem fornecer garantias interpretativas, construindo uma condição de exposição que é, ao mesmo tempo, sensorial e simbólica. Dessa forma, o jagunço depara-se com um significante que ressoa, mas não prontamente traduzido em conceito, gerando um intervalo perturbador entre percepção e compreensão.

Nesse contexto, o termo "famigerado" reúne consoantes articuladas de diferentes maneiras, o que contribui para sua opacidade perceptiva. Fricativas, como /f/ (labiodental desvozeada) e /s/ e /z/ (alveolares), são predominantes. Elas são caracterizadas por um estreitamento da passagem de ar e fricção contínua, produzindo um ruído sustentado que tende a prolongar a sensação acústica. As oclusivas, como /g/ (velar vozeada) e /d/ (alveolar vozeada), causam interrupções abruptas no fluxo sonoro, pois bloqueiam completamente o ar na cavidade oral. Por outro lado, as nasais, como /m/ (bilabial vozeada), permitem que o ar seja desviado para a cavidade nasal devido ao abaixamento do véu palatino. As consoantes laterais, como /l/ (palatal vozeada) e a realização velarizada de /w/ em algumas variantes, desviam o fluxo de ar pelas laterais do trato vocal.

Essa alternância entre fricção constante, obstrução completa, nasalização e escape lateral requer uma coordenação articulatória bastante complexa, que o falante jagunço percebe como instável, irregular e pouco conhecida em seu repertório fonético habitual.

De acordo com a sistematização de Cristófar-Silva (2003), a palavra envolve diferentes áreas

do trato vocal, em relação ao lugar de articulação, o que acentua a sua heterogeneidade acústica. O ponto bilabial é acionado em /m/; o labiodental, em /f/; o alveolar, em /s/, /d/ e /z/; o velar, em /g/; o palatal, em /ʎ/; e, conforme a variação dialetal, o ponto glotal pode estar presente na produção do /r/ fricativo.

Esse movimento contínuo entre as áreas articulatórias anteriores, médias e posteriores gera uma cadeia sonora de segmentação pouco clara ao jagunço, intensificando a sensação de que a palavra aparece como fluxo opaco e difícil de consolidar. Assim, o desafio não é apenas lexical; ele é físico, sonoro e perceptivo.

As tentativas de Damázio em enunciar — **fasmigerado** (gerado na fome?), **faz-me-gerado** (feito nascer, fabricado?), **falmisgeraldo** (gerado falsamente?) e **familhas-gerado** (gerado fora da família, bastardo?) — evidenciam de forma eloquente esse impasse entre a escuta e o reconhecimento. Cada variante é uma tentativa de reescrever o significante em cadeias acústicas mais familiares ao seu repertório, redistribuindo fricativas, reforçando nasais ou incorporando laterais presentes em sua experiência linguística. O falante não se limita a compreender o termo no nível conceitual; ele busca domesticar o som, diminuir sua indeterminação ameaçadora e reinseri-lo em padrões fonotáticos reconhecíveis. As associações convocadas — a fome, a fabricação, a falsidade e a ilegitimidade — não são semanticamente neutras: elas tocam valores estruturantes do universo sertanejo, como origem legítima, honra pessoal e pertencimento social, propondo que a instabilidade sonora já gera efeitos simbólicos relevantes.

A leitura de Moraes (2003) é muito relevante para compreender o episódio, uma vez que desloca a interpretação da resposta de uma abordagem meramente intuitiva para um âmbito de rigor crítico mediado pela linguagem. A autora declara o seguinte:

[...] para validar uma interpretação, é preciso, por um lado, domar-se o sujeito leitor e suas intuições, buscando balizas diferentes do “eu”, da subjetividade. Ora, se essas balizas são justamente a história e a linguagem e se o que está em questão é justamente a história, vamos recorrer, pois, à linguagem, para sondar o peso da história brasileira, [...], no texto rosiano. É óbvio, pois, que haja uma liberdade, um caráter seletivo e arbitrário na interpretação que aposta nesse diálogo, mas é preciso também que ela se valide pela legitimidade linguística, pela abrangência, pela adequação do gênero e pela coerência. (Moraes, 2003, p. 89)

Ela define um princípio metodológico que, numa visão crítica, reflete a experiência vivida por Damázio. Da mesma forma que ele deve lidar com a instabilidade sonora do significante, antes de atingir qualquer pacificação conceitual, o leitor é chamado a deixar de lado as primeiras impressões e a submetê-las a critérios linguísticos, históricos e sociais mais

exigentes. O efeito fonético imediato — o ruído ameaçador — requer uma disciplina interpretativa para não se limitar à esfera da impressão subjetiva, evidenciando que a escuta, embora inicial, não é suficiente sem a análise subsequente.

Nesse sentido, a visão de Morais (2003) reforça a relação entre a vivência sonora e a análise crítica: a escuta vem antes da compreensão, mas só a linguagem, como uma forma situada historicamente e socialmente, possibilita que essa experiência sonora vire um conhecimento interpretativamente válido. Enquanto o som apresenta-se como um dado bruto da experiência, o sentido surge como uma construção subsequente, mediada e desenvolvida dentro de um sistema simbólico coletivo. O princípio fundamental da unidade do signo linguístico, conforme prescrito por Saussure (2006), é negativamente tensionado pelo descompasso inicial entre o som e o sentido, como pode-se ler abaixo.

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som é o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; [...]. (Saussure, 2006, p. 131)

No conto, nota-se o fracasso temporário dessa unidade estrutural. O verso da folha — o som — impõe-se de forma quase agressiva, ao passo que o anverso — o pensamento — não consegue acompanhá-lo simultaneamente. Dessa forma, o signo demonstra sua falta de autossuficiência imediata: o significante espalha-se sem o suporte estabilizador do conceito, tornando-se um elemento perturbador, capaz de gerar efeitos sociais antes mesmo de ser completamente entendido. A metáfora saussuriana, em vez de confirmar-se de forma harmônica, surge tensionada pela experiência concreta do personagem.

É nesse momento que a análise de Benveniste (1976), ao considerar criticamente o legado de Saussure, possibilita a compreensão da dimensão subjetiva do conflito enfrentado por Damázio. Segundo o autor, não existe pensamento completamente acessível fora da linguagem, nem conceitos disponíveis independentemente do signo.

[...] o espírito só acolhe a forma sonora que serve de suporte a uma representação identificável para ele; se não, rejeita-a como desconhecida ou estranha. O significante e o significado, a representação mental e a imagem acústica são, [...] as duas faces de uma mesma noção e se compõem juntos como o incorporante e o incorporado. O significante é a tradução fônica de um conceito; o significado é a contrapartida mental do significante. Essa consubstancialidade do significante e do significado garante a unidade estrutural do signo linguístico. (Benveniste, 1976, p. 56)

Nesse cenário, o desconforto do jagunço passa a ser compreensível. A questão está na falta de conhecimento lexical do termo "famigerado", e na dificuldade temporária do espírito em aceitar essa imagem sonora como base a uma representação reconhecível. O signo não é totalmente formado; permanece em estado de fragmentação. Enquanto a articulação entre o som e o conceito não se fixa, o significante atua como um elemento estranho, intrusivo e, possivelmente, hostil no campo perceptivo do personagem.

No plano fonológico, que é responsável pela organização abstrata dos sons em um sistema de oposições distintivas, o termo tampouco assenta-se, segundo Damázio, que não considera a palavra como uma unidade lexical consolidada e busca segmentar o contínuo acústico de acordo com padrões que lhe sejam identificáveis. Logo, cada reformulação é um ato de interpretação, uma busca para transformar ruído em uma forma linguística aceitável. Quando esse processo falha repetidamente, o indivíduo continua sujeito à instabilidade do significante, e a tensão narrativa aumenta gradualmente.

Além disso, o episódio demonstra que a violência no conto se desenvolve de forma gradual, difusa e profundamente linguística. Antes de qualquer ação física ou ameaça clara, há uma perturbação sonora, que desestabiliza a posição simbólica do personagem e reconfigura o campo interacional. O corpo reage ao som antes que a mente o processe de forma conceitual. Aqui, a linguagem inicia o conflito não como discurso lógico completamente estruturado, mas como ruído inquietante que demanda resposta. Ouvir, assim, torna-se um ato arriscado: entender emerge apenas como uma tentativa subsequente de neutralizar uma ameaça que se manifestou inicialmente na materialidade sonora da palavra. É nessa anterioridade do som — opaco, insistente e instável — que se funda uma das operações mais sofisticadas do conto rosiano, em que a violência aparece não tanto do que é dito, mas do modo como o dizer irrompe no corpo do outro.

### **“FAMIGERADO”: A POTENTE PALAVRA E O SEU SIGNIFICADO PESADO**

O verdadeiro clímax do conto acontece quando o médico define o significado da palavra “famigerado”, não por provocar uma ação física, mas por interromper de forma estratégica a violência por meio da linguagem. A história move o cume do conflito do campo da força para o campo discursivo, mostrando que, nesse universo sertanejo, o valor dado a uma palavra pode atuar como permissão ou proibição para uma ação violenta. Assim, o ápice é semântico-pragmático, no qual o signo passa de instrumento de nomeação a gesto performativo, capaz de afetar a realidade intersubjetiva. A palavra começa a persuadir o

mundo, introduzindo uma área temporária de suspensão da ameaça.

Esse deslocamento só se torna compreensível ao se considerar que o médico já domina o duplo valor do termo desde o início e calcula sua resposta com cautela. Esse movimento de contenção interna é revelado pelo próprio narrador, com Damázio retendo sua resposta, relutando em permitir que o homem letrado a forneça imediatamente. E, nesse momento, o narrador é suspenso por outro susto vertiginoso: alguém poderia ter feito intriga com o jagunço, inventando a ideia de que o médico havia ofendido o jagunço. A pausa não é uma hesitação ingênua, mas sim uma ação estratégica de sobrevivência.

O médico entende que, nesse exato momento, o significado do termo, tão ansiado pelo jagunço, não se trata de uma precisão lexical, mas de um risco real de morte.

— *Famigerado* é inóxio, é “célebre”, “notório”, “notável”... (Rosa, [1962] 2001, p. 52)

A escolha por adjetivos de valor positivo indica que o médico não procura uma precisão lexicográfica, mas eficácia relacional imediata. Ele não esclarece no sentido estrito do termo; ele negocia sob pressão. Não é sobre ser fiel ao dicionário, mas é sobre evitar uma violência iminente, que emerge no corpo armado. Assim, a palavra ganha valor não pela estabilidade semântica abstrata, mas por sua capacidade de gerar um efeito real de apaziguamento. Aqui, nota-se a transição do sentido visto como uma essência estática para o sentido compreendido como uma experiência contextualizada — um movimento que se relaciona diretamente com a proposição de Zilberman (1989), ao afirmar:

A valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o texto lido, enfatiza a ideia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário. Os valores não estão prefixados, o leitor não tem de reconhecer uma essência acabada que preexiste e prescinde de seu julgamento. [...]. (Zilberman, 1989, p. 110)

No conto, o sentido do termo “famigerado” não existe antes da cena nem se apresenta como uma verdade objetiva e autônoma; ele é constituído, sob a pressão dramática da conversa, confirmando a natureza relacional e pragmática do significado.

Essa dimensão torna-se cada vez mais clara ao se levar em conta o eixo temático da escolaridade, que organiza o conflito narrativo do texto rosiano. De um lado, há o jagunço, não escolarizado, cuja autoridade social se baseia unicamente na macheza e na fama de matador; do outro, o médico letrado, fisicamente vulnerável e sem reputação violenta, que depende somente do domínio da linguagem para sobreviver.

O desnível de capital simbólico manifesta-se em pequenos detalhes significativos: Damázio chama o dicionário de “o livro que aprende as palavras”, o que indica a sua distância com o universo letrado, e o simples fato de percorrer seis léguas para consultar um médico demonstra o reconhecimento prático da autoridade do saber escolarizado. Desse modo, a cena dramatiza um confronto estrutural entre força física e habilidade semântica. Como Zilberman (1989) acrescenta:

[...] Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. Ignorar a experiência aí depositada equivale a negar a literatura enquanto fato social, neutralizando tudo que ela tem condições de proporcionar. (Zilberman, 1989, p. 110)

No conto, essa experiência social da leitura é encenada na própria narrativa, já que o médico interpreta a situação e constrói um sentido funcional para eliminar o perigo, corroborando a afirmação de Gotlib (2006) de que o conto é definido menos pela correspondência com a realidade empírica e mais pela eficácia da construção ficcional:

[...] A esta altura, não importa averiguar se há *verdade* ou *falsidade*: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. [...]. (Gotlib, 2006, p. 10)

De certa forma, o médico comporta-se como um ficcionista improvisado: ele inventa uma versão semanticamente aceitável da palavra para reestruturar o campo das relações e prevenir a eclosão da violência. A definição apresentada por ele ao jagunço Damázio não busca estabelecer ontologicamente o sentido do termo “famigerado”; ela atua como um dispositivo discursivo de emergência. Nesse contexto, a linguagem literária rosiana dramatiza sua própria capacidade criadora, demonstrando que o sentido resulta de uma negociação entre sujeitos com diferentes posições no espaço social.

Morais (2003) amplia essa compreensão ao destacar que a escrita rosiana funciona pelo entrelaçamento de diversos níveis de realidade e pela busca constante de sentido:

[...] se poderia pensar, [...], na história dentro da estória, de tal forma que também a mistura de níveis diversos de ‘realidade’ pudesse enfatizar tempo e espaço como processos que não se esgotam na focalização de fatos datados ou regionalizados ou particularizados e apontar movimento e mudança como o lançar-se sempre à busca do sentido, do esclarecimento, seja em termos míticos, históricos ou literários. (Morais, 2003, p. 90)

A cena do esclarecimento semântico retrata exatamente essa busca: Damázio não busca somente o sentido de uma palavra, mas a confirmação de sua honra em um mundo onde

a linguagem pode causar mortes simbólicas. Por essa razão, Morais (2003) prossegue, alertando que é fundamental manter a densidade estética do texto:

é preciso leveza para ler a História na estória rosiana e não correr o risco de, transformando seu texto em documento, esvaziá-lo da literatura. [...]. (Morais, 2003, p. 91)

De tal forma, a negociação semântica não é apenas um dado sociológico, mas o núcleo estético da narrativa. A perspectiva ética da palavra torna-se ainda mais clara quando analisada sob a ótica da concepção bakhtiniana do ato responsável. De acordo com Bakhtin (1997), os valores só se constituem na interação real com o outro:

[...] Todos esses valores emotivo-volitivos só são possíveis com relação ao outro, e eles dão à sua vida um peso de acontecimento particular que minha própria vida não tem. [...]. (Bakhtin, 1997, p. 120)

No conto, a eficácia da definição depende exclusivamente da presença armada de Damázio; é essa alteridade ameaçadora que transforma a fala do médico em um ato ético de grande risco. O jagunço em si expressa a natureza pragmática de sua dúvida:

— “Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?” (Rosa, [1962] 2001, p. 52)

Cada pergunta apresenta um possível resultado violento, transformando o esclarecimento lexical em uma escolha vital. Ao responder, o médico não designa um significado definitivo da palavra almejada pelo sertanejo, mas compõe, na cena, uma trégua instável, sustentada por um acordo discursivo, que é explicitamente solicitado:

— *Famigerado?* Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...  
— “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?” (Rosa, [1962] 2001, p. 52)

Nesse clímax, a palavra transcende sua função defensiva e transforma-se em um ato comprometido, no sentido bakhtiniano: um dizer que impõe uma ligação ética entre quem enuncia e o outro concreto. A resposta final de Damázio confirma a eficácia temporária da operação, mas não resolve a desproporção estrutural que mantém a cena.

— “Ah, bem!...” — soltou, exultante. (Rosa, [1962] 2001, p. 52)

O jagunço é derrotado duas vezes pela força do saber: a primeira, quando a palavra do moço do governo o abala a ponto de fazê-lo percorrer seis léguas em busca de explicações; a segunda, quando a omissão estratégica do médico altera o campo de forças sem que ele se dê conta. O desfecho, caracterizado por um anticlímax tenso, demonstra que a violência não desaparece; ela é apenas contida temporariamente pela predominância do conhecimento letrado. Desse modo, o conto mostra que, no universo rosiano, a palavra tem o poder de suspender a força bruta, embora de forma precária e localizada, destacando que o verdadeiro campo de batalha é a linguagem, e não o revólver.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo mostrar que o conto "Famigerado", de João Guimarães Rosa, estrutura a sua tensão central não na ação física, mas na linguagem, no qual o sentido é instável, contestado e potencialmente violento. O que, a princípio, surge como dúvida lexical — o sentido de uma palavra — vira, ao longo da narrativa, num intrincado jogo de forças simbólicas que abrange honra, poder, educação e sobrevivência. A palavra que perturba Damázio não é somente um signo isolado, mas um núcleo que concentra valores sociais, capaz de evocar recordações de ofensa, anseios de respeito e oportunidades de conflito. Desse modo, o “peso do nome” manifesta-se como efeito relacional e histórico, dependente das condições concretas de enunciação. Ao transformar um episódio aparentemente banal em um núcleo de tensão dramática, a narrativa evidencia que, no universo sertanejo rosiano, compreender — ou não compreender — uma palavra pode significar muito mais do que um simples ato cognitivo: pode significar viver, morrer ou negociar posições no interior de uma ordem simbólica desigual.

A análise revelou que Damázio é retratado como uma figura de ambivalência constitutiva: seu corpo armado é uma ameaça real, enquanto seu nome e sua fala revelam uma fragilidade simbólica perante o mundo letrado. Essa duplicidade reforça a profundidade do conto, evitando uma interpretação simplista do personagem como apenas um agente da violência. Ele chega revestido de fama e bravura, porém sua persistência em entender o termo que lhe foi concedido demonstra uma percepção aguçada do valor social da linguagem. Ao percorrer longas distâncias em busca de esclarecimento, ele reconhece, mesmo que de forma intuitiva, que a honra é disputada no âmbito das palavras.

Nesse espaço intermediário, a escrita rosiana dramatiza a convivência tensa de diversas formas de capital simbólico: de um lado, a autoridade da força; do outro, a autoridade

do conhecimento acadêmico. O embate entre Damázio e o médico vai além do âmbito pessoal e representa um conflito histórico mais abrangente, em que distintos sistemas de legitimação social colidem dentro de uma mesma narrativa.

Constatou-se que a narrativa constrói sua intensidade pela contenção gradual. Silêncios, pausas, alterações fonéticas e mudanças semânticas substituem a ação espetacular e instituem um ambiente de constante expectativa. Antes de qualquer ação física, é o som da palavra — estranho, opaco e carregado de desconfiança — que provoca o desequilíbrio da cena. A indecisão do médico, evidenciada quando admite internamente o perigo da situação, evidencia o funcionamento estratégico da linguagem sob pressão.

O leitor atento nota que o narrador está ciente do possível sentido pejorativo de "famigerado"; pelo contrário, ele o reconhece e o usa com cautela. Essa operação narrativa move o conflito ao interior do discurso e reafirma uma das características mais refinadas da poética rosiana: a linguagem não só retrata a realidade social, mas também atua nela, reestruturando temporariamente as dinâmicas de poder entre os sujeitos.

O instante em que o médico fixa a sua definição confirma, de forma contundente, essa centralidade do dizer como ato. Sua resposta não procura estipular um significado lexicográfico estável, mas gerar um efeito imediato de apaziguamento, perante um interlocutor armado e desconfiado. O sentido surge como o resultado de uma negociação contextual, dependendo do destinatário específico e das circunstâncias de enunciação.

A palavra atua como meio de mediação ética, indicando uma trégua que se baseia menos na verdade semântica do termo e mais na confiança temporariamente construída durante a interação. Nesse aspecto, o conto destaca que a eficácia da linguagem não está em sua aparente neutralidade, mas na capacidade de funcionar pragmaticamente no contexto social. No sertão rosiano, afirmar algo é sempre correr o risco de agir.

Conclui-se, portanto, que "Famigerado" é uma das encenações literárias mais precisas da linguagem enquanto uma prática social contextualizada. Ao transformar uma pesquisa vocabular em um microdrama de alta tensão, a narrativa demonstra que a violência pode surgir antes mesmo do ato físico — no som do significante — e que a paz viável depende de acordos discursivos, que são essencialmente frágeis.

Com uma notável economia formal, a narrativa revela a disparidade entre escolarização e força bruta, entre prestígio letrado e fama armada, demonstrando que o conhecimento pode funcionar como forma de poder, mesmo quando expresso sob medo. Nesse jogo tenso e volátil, o nome tem peso por sua circulação social, a palavra atua por

comprometer quem a pronuncia, e a linguagem, ao invés de ser apenas um instrumento de expressão, torna-se o campo de batalha simbólico do sertão rosiano.

## REFERÊNCIAS

BAHKTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BOSI, Alfredo. João Guimarães Rosa. *In*: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

GOTLIB, Nádya Battela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios)

MORAIS, Márcia Marques de. A história dentro da estória: a linguagem rosiana como mediação entre fato e ficto. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 87-98, 2º sem/2003. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/12505>. Acesso em: 8 jan. 2026.

ROSA, João Guimarães. Famigerado. *In*: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização: Charles Bally e Albert Sechehaye. Colaboração: Albert Riedlinger. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos)